



MARIANO, Júlio. Bonita festa escolar, realizada na Campinas de há cinquenta anos.
Mensagem de Campinas, Campinas, nov. 1963.

Bonita Festa Escolar, Realizada na Campinas de há Cincoenta Anos

Júlio Mariano

Mensagem de Campinas

O que a gente tem em mãos, ao alinhar esta crônica, é simples carta impressa, a qual, dobrada em três partes, tornou dispensável o uso de envelope, deixando, no verso, local apropriado a escrever-se nome e endereço do destinatário. Trata-se de um programa-convite, distribuído aos senhores pais e tutores de alunos do Externato São João, de há meio século, e recebido, na época, pela gente lá de casa. Fôlha amarelecida, venho de encontrá-la perdida em meio de outros papéis e objetos sem mais utilidade, que constituem badalques de fundo de baú, guardados do meu povo extinto...

Página mais evocativa de mortos, que de vivos, tudo desse documento diz do passado. Um passado distante, quase remoto, esfumado no tempo com a maioria das criaturas a êle relacionadas. Sua única virtude, pois, é fazer com que uma pessoa entrada em anos, remôa saudade no seu canto.

Reterei comigo esta carta impressa, cuja existência ignorava. Mas, na certeza de que por aí, algures, ainda perambulam uns quantos remanescentes daqueles ex-alunos salesianos, como eu, não me furto ao prazer de reproduzir aqui parte do convite e o todo do programa da festa escolar realizada, puxando da memória esgarços retalhos de referência aos animadores e participantes do espetáculo, que, infelizmente, é o grande vasio que o documento oferece.

A FINALIDADE DA FESTA E SEU PROGRAMA

Uma vez desdobrada a carta, a primeira face impressa que se nos depara, contornada de vinheta, ao gôsto do tipógrafo artista do alvorecer do século, é a do convite, cujas linhas são encaçadas pelo título do colégio — EXTERNATO SALESIANO S. JOÃO.

O texto do convite, alterado tão somente em sua ortografia, é o seguinte:

— «Exmo. Snr. Respeitosas saudações.

O Corpo Docente e Alunos desta Casa de Ensino têm o prazer de comunicar a V. Excia. que no dia 15 do fluente, às 7 horas da noite, fazem suas homenagens ao seu esforçado Diretor Pe. José dos Santos. Para dar maior brilho a esta demonstração de afeto, convidam V. Excia. e Exma. Família.

Antecipadamente agradeçem seu amável comparecimento.

Campinas, 10 de agosto de 1913».

Convém assinalar bem a data: agosto de 1913. Precisamente há cinqüenta anos e meses. Desde aí, muita coisa aconteceu. A própria face do mundo se transformou, com duas guerras medonhas, que aí cavaram rugas profundas. E como não podia deixar de ser, a Campinas do presente é bem outra, em sua roupagem, em seu trato social e costumes.

Mas eu torno à carta impressa, para relatar do programa da festa de homenagem àquêle incomparável e muí saudoso mestre, Padre José dos Santos.

O programa diz de um verdadeiro e completo espetáculo teatral, no amplo e elegante salão de atos do Externato São João, que para tanto dispunha de excelente palco. A festa assim se desenrolou: 1 — Orquestra; 2 — Abertura da sessão; 3 — Um Ramalhete — diálogo; 4 — Orquestra; 5 — Orfãozinho — canto; 6 — Orquestra; 7 — «São Gaudêncio» — emocionante drama sacro — 1.º ato; 8 — Orquestra; 9 — «São Gaudêncio» — 2.º ato; 10 — Orquestra; 11 — «São Gaudêncio» — 3.º ato; 12 — Ó Chico! — monólogo; 13 — Orquestra; 14 — «Travessuras de meninos» — comédia em 1 ato.

Tôda a parte cênica ao encargo dos alunos da escola primária, que era o Externato São João. Mas antes, digamos de algo complementar ao espetáculo.

A orquestra, uma das mais completas e brilhantes de Campinas do tempo, fundou-a e organizou-a o Diretor do estabelecimento, Padre José dos Santos, como parte recreativa da antiga Associação Ex-Alunos de Dom Bosco. Lembramos algumas figuras do conjunto:

violinistas — Jorge White-man, Prof. Antônio de Paula Souza, Antônio Pousa e Jaime dos Santos, além de outros; pianista, João do Amaral; entre os clarinetistas, o velho Constantino Soriano; violoncelo, o Prof. Luiz Monteiro (seu Lulú); pistonista, Salvador Bove, ligado igualmente ao quadro de professores do Liceu Salesiano; e havia flauta, óboe, contra-baixo, trombone e demais instrumentos, cujos executantes não me é possível recordar.

Convidados de honra, à festa, com duas poltronas próprias instaladas sobre estrado, ao centro do salão, à frente, dois vultos ilustres da velha Campinas, o grande e inesquecível Bispo Dom Nery e seu amicíssimo Benedito Octávio, intelectual dos mais brilhantes, notável historiador, que foi ainda bom poeta, dramaturgo e jornalista.

O DRAMA, A COMÉDIA E ALGUNS DOS SEUS INTÉRPRETES

As atividades cênicas dos alunos do velho Externato São João foram o fruto dos esforços de dois sacerdotes, o Diretor, Padre José dos Santos, e o Professor e assistente espiritual, Padre Henrique Piralli. O curioso é que ambos diferiam em suas inclinações artísticas. Músico e maestro, o Padre José dos Santos, cultivava nos garotos escolares o gôsto pelo canto. Enquanto isso, o Padre Henrique Piralli, mais entusiasta do teatro em prosa, em se lhe oferecendo ensejo preparava uns quantos alunos para as representações de dramas sacros, comédias, diálogos e monólogos, além dos recitativos simples. Desenvolvendo atividade em campo próprio, aconteceu dos dois sacerdotes e educadores descobrirem, num mesmo aluno, a figura principal para o canto e para os recitativos — o pequeno Artur Quirino dos Santos.

Realmente um menino prodígio, 1.º de sua classe desde o primeiro ao quarto ano, o Arturzinho se destacava pela memória, bonito e afinado da voz e talento nas interpretações do mais difícil papêl cênico. Aproveitou-o, por sinal, mais de uma vez, o Prof.

Bernardo Leite, nas representações do Grupo Dramático «Benedito Octávio», da Ass. Ex-Alunos Dom Bosco.

Em o espetáculo de 15 de agosto de 1913, coube ao Artur Quirino o desempenhar o papel de Gaudêncio, em o drama sacro levado à cena. De outros intérpretes dessa peça, lembramos dos irmãos José e Euzébio Guerra, o primeiro como patrício romano, pai de Gaudêncio, e o segundo como Deocleciano, imperador. Os demais, eu os perdi de memória. Uma nota apenas: em o drama «São Gaudêncio», o autor destas l'has figurou como soldado romano; porém, mudo e quedo, em todo o desenrolar da peça...

Resta, agora, a comédia, «Travessuras de meninos». Tive nela um papel ativo, já não me lembro sob que nome. Seríamos cinco ou seis garotos, a participar da farsa. De todos êles, no entanto, meio século decorrido sobre a representação, unicamente posso referir, com certeza nos nomes, ao Artur Quirino — astro do elenco —, José Dutra e Juljo Nardelli.

O mais interessante, da minha participação nessa comédia, na festa dos alunos do velho Externato São João, foi o fato de que não gostei nada do papel a mim confiado. Tentei mesmo abandoná-lo, quando em ensaios. Fizem de mim, na comédia, irmão do Júlio Nardelli. E o chará, bom garoto, que não sei si é vivo ou morto hoje, algures distante de Campinas, era, na época, um menino louro, coradinho, de olhos azuis... Diabo! Eu sempre me vi por demais fusco e um tanto carapinha, para acreditar não ser possível a irmandade com o Nardelli, arianíssimo...

O resultado de tudo foi que o Diamantino Gomes e mais o Valdomiro Marinho, encarregados da caracterização, detrás dos bastidores, me lambuzaram o rosto todo, com grossa camada de alvaiade e carmin, fato de que ainda hoje me envergonho. Arreneguei, desde essa época, representar em palco, e jamais mudei de opinião.

Mesmo assim, é com ternura que rememoro a festa escolar de 1913, no Externato São João, com a ajuda da carta impressa, guardada com tanto carinho pelo meu povo hoje extinto...